



Potências tradicionais, potências emergentes e a ordem mundial contemporânea: dilemas, tensões e possibilidades

Traditional powers, emerging powers and the contemporary global order: dilemmas, tensions and possibilities

DOI: [10.5752/P.1809-6182.2016v13.n1.p6](https://doi.org/10.5752/P.1809-6182.2016v13.n1.p6)

Alexandre César Cunha Leite¹
Leonardo Ramos²

A ordem mundial contemporânea do século XXI caracteriza-se por um movimento contínuo e dinâmico entre os atores constituintes do cenário internacional. O atual cenário é consideravelmente distinto do cenário que emerge no período pós-1944/45 simbolizando simultaneamente o final da Segunda Guerra Mundial e a constituição de uma grande ordem liberal multilateral liderada pelos EUA. Esta arquitetura global assegurada e financiada pelos EUA foi fundamental, por um longo período, para as ações nas searas da segurança internacional e das relações econômicas entre os atores estatais e não-estatais. As instituições criadas à época, denominadas pela literatura como instituições pós Bretton Woods, além de traduzir a proposta multilateral, configuravam-se em base de sustentação da ordem criada, mantendo o status das nações na ordem global.

Contudo, ao observar o cenário atual, percebe-se que a ordem liberal multilateral estabelecida pelos estadunidenses (e sustentada com o apoio de suas alianças ao redor do globo) encontra-se em questionamento. Van de Graaf e Lesage (2015), sugerem que novos atores emergiram, ganharam poder (e notoriedade) e estão gradualmente ocupando espaços na economia global. A emergência de países como Brasil, China, Índia, para citar alguns dos vários casos de países emergentes ou potências médias, alterou de forma determinante o debate a respeito da ordem global contemporânea. Da mesma forma, temas da agenda global foram repensados

1. Possui graduação em Ciências Econômicas (1999), mestrado em Economia Política pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (2002) e Especialização (pós-graduação) em Relações Internacionais pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (2007). Doutor em Ciências Sociais/Relações Internacionais (Sociologia, Política, Antropologia, linha de Pesquisa em Relações Internacionais) pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (2011). Pós-doutorado em Ciência Política/Relações Internacionais sob supervisão do Prof. Dr. Marcos Costa Lima, pelo PPGCP/UFPE (2013-2014). Pesquisador vinculado à DCP/UFPE (2014-2015). Pesquisador-visitante na Academia Chinesa de Ciências Sociais - CASS (2015). Atualmente é Professor Doutor Adjunto-DE do curso de Relações Internacionais da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB e professor do núcleo permanente do Programa de Pós-Graduação em Relações Internacionais da UEPB. Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Relações Internacionais (2014-2016). orcid.org/0000-0002-0209-2717

2. orcid.org/0000-0001-8245-6498

dada a nova dinâmica. Simultaneamente, novos dilemas surgiram, novos desafios e novas fricções entre os atores da cena global.

Vale notar que para além dos atores mais divulgados devido a sua envergadura como os casos citados de Brasil, China, Índia, observa-se a movimentação russa em seu entorno regional e nos principais fóruns globais com o intuito de demonstrar que sua capacidade de influenciar a política internacional está presente assim como foi no passado recente do período da Guerra Fria. Países africanos por intermédio de instituições regionais e de acordos de cooperação com outras potências médias e de acordos trilaterais com presença de grandes potências econômicas como a Alemanha tem obtido atenção nas pesquisas de Economia Política Internacional e nos estudos de Relações Internacionais. E as relações entre os emergentes, independente da sua posição geográfica, têm despertado atenção para as dinâmicas regionais e suas interfaces com o internacional.

Não obstante, a despeito da trajetória seguida por tais países, seus desafios diante desta nova dinâmica internacional ainda persistem. O alinhamento das preferências e dos interesses entre estes atores não é objeto de fácil solução. A cooperação, que se apresenta como uma alternativa, demanda exaustiva negociação entre os envolvidos, e ainda está em movimento de construção e amadurecimento. As relações econômicas entre estas nações são pautadas por uma busca de espaço “vazios” e as relações políticas ainda são motivo de tensões entre estes. A posse de recursos naturais, a busca por mercados para seus produtos de exportação (muitos destes ofertantes globais de commodities), a contínua demanda por “voz ativa” nos fóruns globais e na composição de uma agenda internacional leva este grupo de nações a uma disputa intergrupo, somando-se a disputa com as nações desenvolvidas. Ainda, os desafios internos, próprios de cada nação, constituem condicionantes a sua definição e tomada de decisão na cena política internacional.

Ao mesmo tempo, movimentos de reação como o Regionalismo pós-Neoliberal, o estabelecimento e maturação das instituições regionais, os blocos comerciais locais/regionais e os acordos de cooperação abrem uma possibilidade para que os países emergentes (ALEXANDROFF, COOPER, 2010) superem os obstáculos ao seu desenvolvimento – obstáculos estes muitas vezes estabelecidos pelos países desenvolvidos e pela competição entre eles.

É neste contexto que se insere o presente dossiê. Partindo de distintas orientações teórico-conceituais, e dando atenção a uma miríade de temas e atores, busca-se aqui contribuir para o entendimento de certas dinâmicas da conjuntura internacional relacionadas ao grande tema, que perpassa as ações e relações das (e entre as) potências emergentes e tradicionais na ordem mundial contemporânea. Neste sentido, esperamos que a leitura seja proveitosa para todos aqueles interessados na temática.

REFERÊNCIAS

- ALEXANDROFF, Alan S.; COOPER, Andrew F. **Rising States, Rising Institutions: challenges for Global Governance**. Washington: Brookings Institution Press, 2010.
- VAN DE GRAAF, Thijs; LESAGE, Dries. Analytical Framework and Findings. In: LESAGE, Dries; VAN DE GRAAF, Thijs (ed.) **Rising Powers and Multilateral Institutions**. London: Palgrave MacMillan, 2015.